

# BRASIL GANHA A COPA DO CINEMA

» RICARDO DAEHN

“Este é o primeiro Oscar do Brasil”, esta foi a fala do narrador do Oscar, Nick Offerman, que tirou um peso enorme das costas de milhões de brasileiros. Foram meses de expectativa para que Ainda estou aqui tirasse o país de uma fila que durava anos. O longa dirigido por Walter Salles e brilhantemente protagonizado por Fernanda Torres fica marcado para sempre na história do cinema nacional e mundial como a produção que colocou Brasil e todo brasileiro que ama filmes no topo do mundo.

Foram 80 anos de espera, desde a primeira vez que o português foi entoadado como candidato ao Oscar (com uma música de Ary Barroso, no gringo Brasil). Mas o pioneirismo de genuíno prêmio dourado veio com sabor nacional, já que Walter Salles venceu o Oscar, por Ainda estou aqui, na categoria de melhor filme internacional do 97º Oscar. Na base da alegria do carnaval, pouco importou a derrota de Fernanda Torres como melhor atriz para uma starlette (Mikey Madison, que interpreta uma prostituta na comédia Anora).

A visibilidade do longa nacional, em torno do dramático desaparecimento de Rubens Paiva, durante a ditadura ainda foi ressaltada entre as dez melhores produções do mundo. Quem venceu, entretanto, foi Anora. O rendimento de Ainda estou aqui é memorável. À frente do melhor filme internacional, o longa de Walter Salles levou o diretor ao palco, em que foi aplaudido, de pé. Foi a atriz Penelope Cruz (emblemática, na carreira de Pedro Almodóvar) que entregou o troféu.

“Em nome do cinema brasileiro, é uma honra tão grande receber isso de um grupo tão extraordinário. O prêmio vai para uma mulher que, depois de uma perda tão grande em um regime autoritário, decidiu não se dobrar e resistir. Esse prêmio vai para ela: o nome dela é Eunice Paiva. E também vai para as mu-

lheres extraordinárias que deram vida a ela: Fernanda Torres e Fernanda Montenegro”, disse Walter Salles. Noutra ocasião, já em frente a jornalistas do mundo inteiro, Walter destacou: “Queria agradecer minha família, meu país”. Ainda estou aqui fez disparar sensações de pertencimento dos brasileiros dentro e fora da tela. Tudo com engajamento e reflexos na realidade cotidiana. De certa forma, o longa alerta, frente à conjuntura que minimize os sustentáculos e os movimentos totalitários. Rubens Paiva é encaminhado para a morte por ser “ligado aos comunistas”, numa ação do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações — Centro de Operações de Defesa) — vale a lembrança.

A trajetória que encheu de orgulho os brasileiros teve início no Festival de Veneza, quando o longa venceu o prêmio de melhor roteiro e foi aplaudido calorosamente. Seguiram-se quase 50 prêmios, na aclamação internacional. Reconhecida pela interpretação, em recorte latino, Fernanda Torres venceu o Critics Choice. Houve o Goya de melhor filme ibero americano. Fernanda ainda venceu o Satellite Awards e o Prêmio da Associação de Críticos de São Paulo. O longa ainda foi o melhor internacional, no Festival de Palm Springs.

O impacto de Ainda estou aqui pode ser mensurado não apenas na escalada pelo Oscar, já que extravasou esta esfera. O filme que, pelo retrovisor, investigou os efeitos de uma mácula no histórico da democracia, levou mais de 5 milhões de brasileiros para os cinemas. E, no exterior, obteve êxitos singulares. Na abertura tardia no Reino Unido, se tornou o filme latino de melhor bilheteria na estreia (algo como R\$ 3,5 milhões). Nos Estados Unidos, o acumulado já ultrapassa R\$ 25 milhões. Ainda que o cinema brasileiro tivesse angariado prestígio alto em festivais mundo afora, entre os quais no âmbito de Cannes para a solidez do cinema novo, o Oscar, diante da comunicação com público mais amplo, rende outro

AFP



Walter Salles dedicou o prêmio a Eunice Paiva: premiação histórica para o Brasil

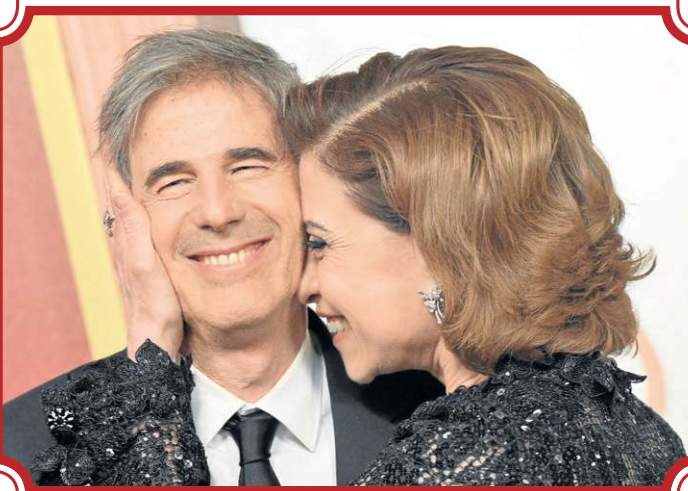
EM MOMENTO HISTÓRICO, AINDA ESTOU AQUI, DE WALTER SALLES, GANHA A ESTATUETA DE MELHOR FILME INTERNACIONAL DO OSCAR



Quería agradecer minha família, meu país”

Walter Salles, cineasta

Robyn Beck/AFP



Walter Salles creditou o prêmio ao carisma de Fernanda Torres

patamar. Prova disso está no registro de uma bilheteria superior a US\$ 27,5 milhão.

O impacto no Brasil prepondera. Com registros da barbárie setentista houve espaço para a

adulteração da certidão de óbito de Rubens Paiva, qualificando com mais detalhes o tipo de morte. No registro, foi alterada para “morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro em decorrência da repressão política durante o regime ditatorial instaurado em 1964”. O filme, para além do artístico, reordenou a organização das memórias de uma família dilacerada, como registrado no livro do filho de Paiva, o escritor Marcelo Rubens Paiva, que deu base para o filme. Seleções recentes e vitórias em festivais como os de Cannes (com filmes como *Bacurau* e *Motel Destino*) e de Berlim (com o segundo melhor prêmio para o longa *O último azul*) são incrementadas pela vitória no Oscar.

Colaborou Pedro Ibarra

## A ALMA DE AINDA ESTOU AQUI

Fernanda Torres não foi premiada na categoria melhor atriz no Oscar. Mesmo assim, ao longo da campanha de *Ainda estou aqui*, ela conquistou o mundo com a atuação memorável e com as entrevistas em inglês, em francês e italiano que concedeu. Brilhou dentro e fora do filme. “Fernanda é a alma do filme, se alguém ganhasse o prêmio, eu gostaria que fosse ela”, disse Walter Salles, em entrevista pouco antes da cerimônia de premiação do Oscar.

Fernanda Pinheiro Monteiro Torres nasceu em 1965. Criada em berço artístico, a filha de Fernanda Montenegro e de Fernando Torres frequentou o Teatro Tablado e teve despontar, nos palcos, na shakespeariana Rei Lear, ao lado de Sérgio Britto, além de profissionalmente estar em Pequenos burgueses (de Gorki). Há 21 anos, foi dirigida por Domingos de Oliveira, numa cômica adaptação de *A casa dos budas ditosos*, num solo que assegurou o prêmio paulistano Shell, como uma insaciável idosa baiana. No palco, limites inexisteram para a atriz.

Numa curiosa trajetória, Fernanda desviou de cursar artes plásticas, depois de um

vestibular realizado. A filha de Fernanda Montenegro dividiu em várias ocasiões o sucesso com a mãe. Foi a neta dela na novela *Brilhante* (1981), cintilou em *Casa de areia* (2005), passado nos Lençóis Maranhenses, alternando papéis com a mãe; e escandalizou na montagem do então marido Gerald Thomas *The flash and crash days — Tempestade e fúria*, na qual, com ousadia, esteve na cena com a mãe, e simulou masturbação.

Autora de livros como *Fim, Sete anos e A glória* e seus cortejos de horrores, Fernanda é dona de parcerias sólidas com Andréa Beltrão e Luiz Fernando Guimarães, na popularidade dos humorísticos *Tapas e beijos* e *Os normais*. Na sétima arte, em que trabalhou com diretores consagrados como Júlio Bressane, Ruy Guerra e Lauro Escorel, Fernanda ainda exercitou o talento de roteirista no episódio *Diabólica* (do longa *Traição*, de 1998) e em *Redentor* (com Elena Soares, em 2004), além de escrever para a minissérie *Minha estupidéz* (2016).

Atriz em núcleos decisivos das novelas *Baila comigo* (1981) e *Eu prometo* (1983), Fernanda

Robyn Beck / AFP



Mesmo sem a estatueta de melhor atriz, Fernanda saiu engrandecida

foi a estrela de *Selva de pedra* (1986), uma década antes de estrelar *A comédia da vida*

*privada*. O cinema é um capítulo à parte na extensa carreira da intérprete que venceu o Festival

de Gramado, como melhor atriz, por *A marvada carne* (1985); e superou expectativas com o longa de Arnaldo Jabor *Eu sei que vou te amar* (1986), drama pelo qual venceu o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes, empatada com Barbara Sukowa (de Rosa Luxemburgo). Em produção do britânico Channel 4, e ao lado dos astros Norma Aleandro e Anthony Hopkins, Fernanda encarou outra história de tortura, dirigida pelo brasileiro Sérgio Toledo, no longa televisivo *Homem de guerra* (1991).

Antes de casar com o cineasta Andrucha Waddington, Fernanda teve uniões com Lui Farias e Pedro Bial. Waddington a dirigiu em *Casa de areia* (2005). Junto com as participações de sucesso nos longas *Os normais* (1 e 2), Fernanda esteve no título de Walter Salles e Daniela Thomas *O primeiro dia*, que competiu no Festival de Locarno (1998). Com a mesma dupla de talentos, ela protagonizou *Terra estrangeira* (1995). Em campos completamente opostos, Fernanda Torres emocionou, em *O que é isso, companheiro?* (1997), indicado ao Oscar de melhor filme internacional, e, dez anos depois, serviu ao talento de Jorge Furtado, na comédia *Saneamento básico*, ao lado de Wagner Moura e Lázaro Ramos. (RD)